

ACM elogia a humildade do Presidente na reforma

Cláudia Moema

O presidente Fernando Collor está tendo humildade para encontrar um caminho certo para o País. É o que pensa o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que de crítico do Governo Federal passou a ter influência direta, como ocorreu na reforma ministerial. O ministro Ângelo Calmon de Sá, da Secretaria de Desenvolvimento Regional, por exemplo, é um de seus aliados políticos. ACM garante que não mudou, mas o presidente Collor é que passou a ter essa postura humilde. E, na sua opinião, o seu partido, o PFL, é o que continuará dando apoio efetivo no Governo Federal, enquanto este adotar uma política de "moralidade administrativa e de combate à inflação sem grande recessão". ACM quer a redução das taxas de juros a níveis "toleráveis" e diz que "os bancos são uns privilegiados". A seguir, a entrevista do governador:

Há bem pouco tempo, o senhor era um fervoroso crítico do governo Collor e agora foi um dos políticos mais influentes na reforma ministerial. Mudou o senhor ou está mudando o governo Collor?

— Sempre que eu puder, farei críticas ao Governo Federal, quando ele as merecer. No passado, eu as fiz com o objetivo de que o Governo encontrasse o melhor caminho. Todo brasileiro deseja que o Governo e o País encontrem o melhor caminho. O presidente Collor teve a humildade de encontrar uma possibilidade de caminhar certo. Essa reforma ministerial dará credibilidade ao Governo e moralidade, que é o ponto principal. Não fui eu que mudei. O presidente Collor é que teve humildade.

Na sua opinião, as mudanças permitirão ao Governo ampliar sua base de sustentação no Congresso?

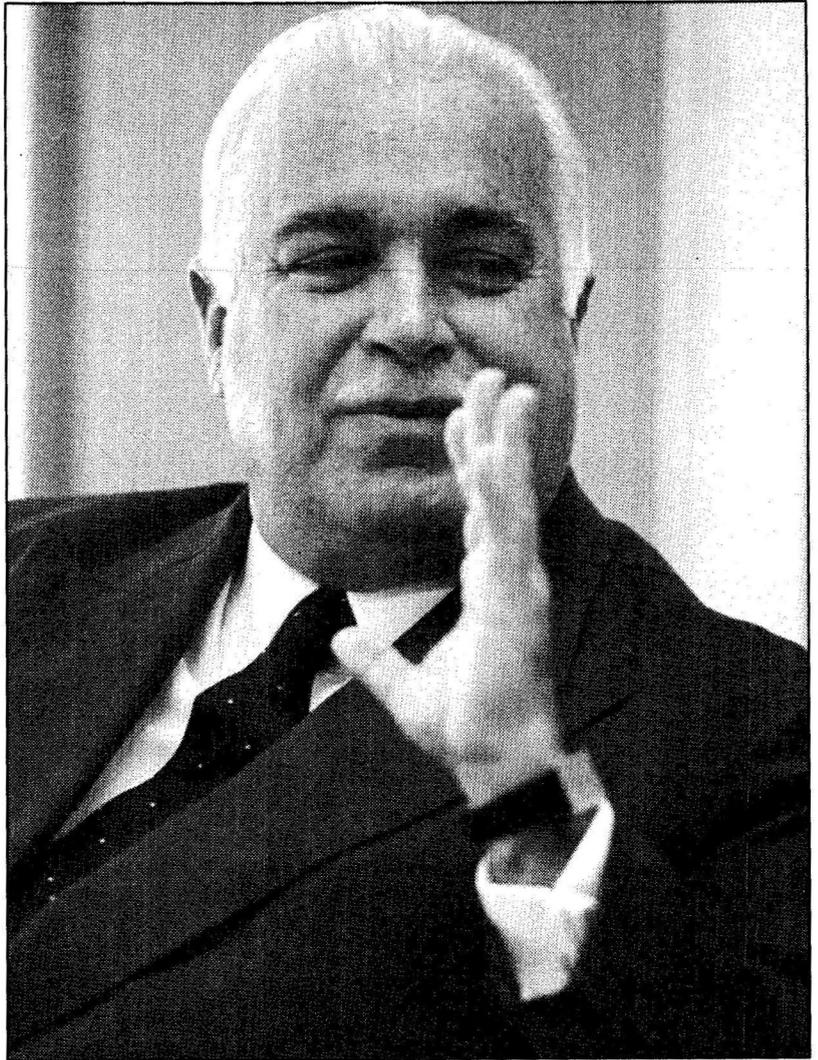
— Acho que sim. Não digo que isso represente já uma maioria. Mas o Governo passa a adquirir credibilidade no Congresso, para negociar suas proposições. O que não se pode é fazer oposição por oposição.

Dessa vez, o Governo acerta ou não?

— Tem tudo para acertar, mas deve ser estimulado. Hoje (ontem), fiz manifestação pessoal a ele, através de um fax, em relação às críticas. Grosserias que ele vem recebendo.

Que manifestações foram essas? Apoio do senhor ao Presidente?

ARQUIVO



ACM diz que nem a campanha presidencialista o ligaria a Brizola

— Eu não preciso dar apoio ao Presidente através de um fax. Apenas, condenei atitudes grosseiras veiculadas.

A recusa do PSDB foi um episódio desgastante para o Governo?

— Se o Governo esperou dez dias por um partido é porque esse partido lhe deu esperanças. Se não fosse, desde o primeiro dia diria que não, e pronto. A indecisão não foi do Governo, que esperou a cooperação do PSDB. Entretanto, seguindo a sua tradição, o PSDB demorou e não foi.

O seu partido, o PFL, pretende continuar dando apoio ao Governo até o fim?

— Está lógico que sim, mas a partir de pressupostos em que hoje o governo vem se fixando, como moralidade administrativa e combate à inflação, sem grande recessão.

Mas não é bem isso que está acontecendo. O Brasil vive um dos períodos de maior recessão em sua história.

— O que temos é que modificar o problema das taxas de juros.

A que níveis? Ao estabelecido

na Constituição?

— A níveis toleráveis, que é o que não está ocorrendo.

Isso atinge interesses dos bancos...

— Os bancos são uns privilegiados. Eu não tenho nada com banqueiros, muito ao contrário.

É possível, no próximo ano, o senhor subir no mesmo palanque do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, para defender o presidencialismo?

— Não. A causa do presidencialismo é boa e a do parlamentarismo também é respeitável, por figuras inteligentes. Podemos subir em diferentes palanques, defendendo a mesma causa. Eu não tenho por que subir no palanque do governador do Rio de Janeiro.

A bancada carlista no Congresso, que segue suas orientações com muita fidelidade, vai agir como nessa questão, já que o próprio líder, Luís Eduardo, que a propósito é seu filho, é um parlamentarista assumido?

— Nessa questão, sou inteiramente aberto, na medida em que não tenho o voto nem do meu próprio filho.